

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

11.02.96 – Djéffa

Prof. Adrien Djivo

MILTON GURAN - Estamos então no dia 11.02.96, à Djéffa, com o prof. Adrien Djivo. Eu não posso me impedir de dizer feliz aniversário, porque hoje é um dia especial. O senhor acaba de me dizer que, em se tratando de identidade agudá, tem três pontos.

ADRIEN DJIVO - Eu dizia efetivamente que a questão que o senhor coloca tem certos contornos e não é fácil o primeiro ponto. É bastante complexo. Mas se, de improviso, me perguntassem como definir um agudá hoje, eu refletiria um pouco antes. Eu poderia também dar uma resposta um pouco solta, porque isso não pode ser ordenado. Eu poderia me lembrar de coisas que eu pessoalmente vivi. Os encontros, certos comportamentos familiares, reuniões. Por exemplo, o meu cunhado, que mandou o senhor aqui, ele é como um irmão meu. Para tocar nesse problema, tem investigações a fazer em um meio muito vasto. Então, o que dizer de modo preciso? Tem primeiro o comportamento. O agudá se define, primeiro, por ele mesmo. Ele mesmo vai dizer ao senhor: eu sou isso, eu sou aquilo. Mas tem também o modo como ele pode te definir, enquanto te observa, talvez enquanto você come, por exemplo, te aproximando de outros não agudás. Então, no comportamento, os agudás têm a mania de mostrar o modo como eles comem. Assim, eles têm um modo de comer próprio. Como segurar um garfo, com qual postura comer... E todo mundo sabe que é assim que os agudás comem. O senhor utilizou palavras como “gafé”, etc. São eles que sabem utilizar isso. Então, eles têm uma maneira de dizer gafe, por exemplo, então aparentada com o português. Eles mostram um pertencimento ao português, usando essa língua para designar algumas palavras. Eles têm orgulho disso. No plano alimentar, eles fazem regularmente a feijoada. Eles buscam comer o que não é daqui, mas que é da civilização deles. Isso incomoda as esposas deles. E eu, digo com frequência: - Deixe-me tranquilo, Noel¹! Eles são aristocratas. Qualquer que seja a evolução da geração e a diferenciação, aqueles de nós que ficaram na casa do De Souza pegaram o patronímico Chachá. Essa gente não é portuguesa, os avós deles não conhecem o Brasil. Eles se dizem agudás. Mas nenhum De Souza chama-se Chachá. É um título. Eles fazem isso porque é bom ser agudá. Agora, hoje, os agudás que querem mostrar que eles são isso e aquilo é mais ou menos uma questão pessoal. As pessoas não se importam. São eles mesmos que

¹ Noel é o cunhado do entrevistado.

dizem que eles são agudás. Agudás, mas, de fato, de mais em mais não os levamos mais tanto a sério.

MG - Os conhecemos como sendo diferenciados, como os fom² d'Abomey.

AD - Sim, sabemos que os De Souza, os D'Almeida, os Da Silva... Certo. Mas, há cinquenta anos, quarenta anos. Sim, quando falamos deles dizemos: "Atenção!". Por exemplo, quando eu era pequeno, em Porto Novo, primeiro forneciam o pão a eles, os Da Silva. Eram eles. Eles são a segunda categoria de gente a receber o pão, os agudás. Os agudás eram assimilados aos brancos. Os outros não eram evoluídos o bastante para comer aquela qualidade de pão que os brancos consumiam. Os agudás sim. Agora pouca gente os leva a sério. Quando o Noel casou com minha irmã... O senhor vai a casa dele, dificilmente ele está. Eu tinha a impressão de que era preciso que eu fosse antes ao encontro dele para ele me dizer: "Ah, você está aí?". E quando vou à casa da minha irmã, ela me pergunta: "Você viu o Fofó³?". E eu digo: "Fofó devia era ficar aqui, eu vim aqui te ver!". Ele me conhece muito bem, o Noel. Eu não o culpo, é um comportamento, eles são agudás, deve-se ir ao encontro deles. E quando minha sobrinha falou do senhor, eu disse a ela: "O visitante que você quer me trazer, vocês vêm como, em mototaxi ou de carro?". Ela me disse: "Se não tiver carro, a gente vai de mototaxi". Eu lhe digo, o senhor vê os De Souza, não têm mais nada. Eu digo isso mesmo ao Noel. Eu disse a ele: "Você tem um visitante que vem do Brasil e você não pode trazer ele aqui de carro?". Hoje, os reconhecemos como os De Souza na sociedade, mas não como há cinquenta anos, quarenta anos. É verdade que eles são gente séria, mas, no Benin de hoje, é cada um por si.

MG - Tem uma coisa que as pessoas que eu encontro dizem, é que depois da independência, teve um acerto de contas. Karin da Silva me disse isso ontem. Justamente, os agudás eram assimilados aos colonos, nós removemos os franceses e removemos também os agudás. Como isso se traduz?

AD - Não houve, no plano social, de relação, uma rivalidade, um conflito. É um pouco tático. Não teve sucesso. Mas alguns agudás ou de nome agudá que se lançaram na política... Eu não sei, porque há conflitos sérios, têm problemas por cima.

MG - O que ele disse é que, depois da independência, os agudás foram deixados de lado. As pessoas desconfiam deles.

AD - Sim, os acusam de ter ajudado os brancos, sem ter compreendido desde o início, eles se colocaram do lado dos brancos. Eles tentavam colocar os filhos deles na escola, mas isso não ia muito longe.

MG - Não temos grandes intelectuais agudás.

AD - Não.

² Fom ou fongbé é a língua de Abomey, a mais difundida no Benin.

³ Fofó é o apelido do seu marido.

MG - O mais distinto é o Eustache Prudêncio.

AD - Ele foi professor. Sobre a educação, eu não acho que eu exagero, é verdade que os agudás sempre tiveram a preocupação de mandar os filhos para a escola.

MG - Educação de base.

AD - Sim. E isso termina aí. Algumas vezes, alguns ajudam os filhos, os impulsionam para ir mais longe. Na família Julião Francisco de Souza, o irmão, não, o último Chachá impulsionou bem dois dos filhos dele. Tem o Vincent e outro também que é engenhoso. Certo, de um modo geral, é a educação geral de base. Certamente isso ultrapassa o Benin, aí eu não sei por quê.

MG - Talvez por conta do comércio. Justamente, a respeito do comércio, o senhor conhece a origem do óleo de palma no Benin?

AD - A palmeira que dá óleo é uma planta natural. É autenticamente africana. Pelo menos da África do Oeste, da costa da Nigéria ao Benin, o Togo, Gana. A palmeira de óleo, não o coqueiro. O coqueiro não é daqui, ele veio da Oceania. Mas a palmeira de óleo é africana.

MG - As pessoas dizem que não é daqui, e que foi o Chachá quem trouxe para cá.

AD - Não, Chachá só veio para cá na primeira metade do século XIX, início do XX, fim do XIX, começo do XX. Mas a palmeira de óleo já existia. Toda a história dessa região mostra isso. As populações se instalaram há 300 ou 400 anos nessa região, vindos de lá. A palmeira de óleo já existia. O “mestre de terra” dessa região tinha um grupo étnico que era mestre de terra de toda essa região.

MG - Como ele se chamava?

AD - Grosseiramente Ekpenou. O vilarejo que está lá é Ekpé. O nome é Ekpenou, as pessoas de Ekpé mestre de terra. Do fim do século XIX ao começo do século XX elas tinham o direito de autorizar a colheita, abrir o acesso aos palmeirais como se abre a temporada de caça. Todo o mundo colhia livremente. As palmeiras não pertencem a ninguém. Era espontâneo. Só mais tarde, com a população aumentando, as pessoas começaram a pegar porções de terra, as divisões nasceram então, senão era um lugar coletivo.

MG - E isso crescia assim.

AD - Exatamente. Nós chamamos, aliás, com a colonização, de palmeirais naturais. Se eu posso encontrar, Pierre Verger citou um português que disse alguma coisa a respeito da palmeira de óleo. O que mostra que, se esse aí encontrou palmeiras de óleo na região de Allada no século 17 (corte)... Sobre o nome do tratado em Ajuda (Uidá). E ele disse: “A região que nos interessa na África, no século 17 – é Verger que escreveu – se situa, nós tínhamos dito, ao Leste do rio Volta e por toda a costa do atual Togo e do Daomé”. E ele continua. As informações que temos são um pouco tardias. Ele coloca a nota 1, e é

essa nota 1 sobre as informações tardias, a nota diz isso, a primeira informação à respeito dessa costa é a clássica da inscrição de Doigké ???⁴ por volta de 1506 ou 1508, em seu capítulo antes do rio Volta. Aquela de Garcia Mendes Castello Branco, em 1574 e 1575, que diz o seguinte: “Com nosso amigo, o rei de Darda, que está perto de Mina, enviamos comercializar escravos negros da Costa do Marfim, pareôs de algodão, óleo de palma e muitos legumes, como o inhame e outros alimentos. Todos os anos saem desse porto um ou dois navios carregados daquilo que está dito acima. 1574 e 1575”. Alguém escreveu, mandamos traficar algodão com o rei Darda d’Allada... Óleo de palma que existe ao menos desde o fim do século XVI.

MG - É o fim do século 16. Quer dizer que ele nasceu aqui, porque no século XIV não havia troca. É verdade que houve um crescimento muito grande a partir do rei Guêzo. ???⁵

AD - E com frequência as pessoas dizem: “Foi Chachá ou os Souza que trouxeram a palmeira de óleo aqui. É falso. Antes da instalação do primeiro Souza, era o irmão do rei Guêzo, Adandozan, que estava no poder. Uma das coisas que Adandozan começou a pensar... Ele foi destronado por seu irmão com a ajuda de Chachá. Adandozan estando no poder, seu temperamento era contra a escravidão. Mas ser contra o tráfico e se declarar e lutar contra, não é uma coisa fácil. Ao mesmo tempo, lutar contra toda uma tradição que se instalava na região... Ele tomou, mesmo assim, algumas disposições, e ele começou a aconselhar a população a mandar uma parte dos escravos para o campo, trabalhar também nos palmeirais de óleo que existiam já antes do reino de Guêzo e antes da instalação do Souza. Então, aí também, está claro que a palmeira de óleo natural existia já antes da chegada do Souza.

MG - E era considerado como uma opção econômica válida?

AD - Era já no reinado de Adandozan percebido como uma coisa que podia ser rentável. Uma mão de obra servil podia ser utilizada no lugar de mandar pessoas para vendê-los.

MG - Adandozan é um rei muito particular, hein. Ele...

AD - Ele é sobre certos pontos. Vemos a evolução, mas, quando tratamos da palmeira de óleo, já tinha o dedo dele aí.

MG - Antes de tudo, ele estava em oposição ao reino de Kétou.

AD - Exatamente.

MG - Ele dizia que os escravos não conheciam os ancestrais e todo o tempo ele colocou um problema enorme.

⁴ Esse trecho está um pouco confuso. Além do corte, a questão da nota 1 também não fica clara. Idem sobre a “inscrição de doigké” e os três pontos de interrogação que constam do manuscrito.

⁵ Os pontos de interrogação estão no manuscrito.

AD - Ele queria parar o sacrifício humano. Ele então decidiu dizer isso. Se é assim, se é fácil matar pessoas, vamos mandar um príncipe. Era para acabar com isso. Os escravos não conheciam o país, o que eles diriam aos ancestrais? Um príncipe deve partir. É o que eu chamo de ideias revolucionárias. Aí é uma das coisas que me parecem características: eles sempre sacrificaram.

Os agudás, vários deles, quando eles atingem certa idade, eles se vestem bem, às vezes têm uma gravata, estão bem vestidos, um conjunto de coisas que os acompanham, que dão certa elegância. Levando em conta a evolução, eles estão cada vez mais ligados entre si. Em uma época dada, aquele que as pessoas consideravam como pessoas que tinham um nível na sociedade, porque eles tinham certos bens de comodidade fundados na força material e financeira talvez. Essa força financeira e material foi se desmoronando e com o tempo é mais o pensamento. Aqueles que saíram e foram à escola, os funcionários chegaram, eles começaram a se tornar influentes. Então, aqueles que, em seu nascimento, tiveram certa facilidade começaram a perdê-la. Mas, por exemplo, meu avô não foi à escola. Ele se converteu ao cristianismo e era um grande, tinha um grande papel nas nossas divindades tradicionais. Ele se converteu ao metodismo. Seu filho mais velho, ele foi à escola até o nível CM1, CM2. Se eu pego alguém, um agudá, com relação a meu pai, esse agudá da geração do meu pai não teria ido à escola nem até o CM1. Entretanto, com relação ao meu pai, ele era um grande homem na sociedade da época. Meu pai frequentou só um pouco a escola. Eu, eu trabalhei bastante. Para chegar a algum lugar é preciso o diploma e daí em diante. Tinham várias pessoas que estudavam e que ocupavam funções administrativas. Tinha uma formação, mas isso não interessava os agudás. Eles já estavam bem com o nível que eles tinham. Eles tinham bens, até mesmo campos. Alguns eram comerciantes. Alguns trabalhavam com os colonos. Eles se tornaram a elite intelectual. Depois, cada vez mais os novos mestres deixam de ter necessidade dos agudás, e agora, cada vez mais são os agudás que têm necessidade dos outros. Eles deviam ficar lá, na concha de escargot deles, brincando de agudás, aristocratas. Eles são aristocratas para quem? Então, a política, também fazendo homens ricos, quem mais considera os agudás? As pessoas não têm mais necessidade deles. Eu, eu tenho um nível intelectual hoje que faz com que eu não os inveje em nada. Ao contrário, são eles que vão vir atrás de mim, se eles estão sem grana. Eles precisam evoluir na nova sociedade, que não é mais a sociedade dos descendentes dos escravagistas, que puderam comprar terras em Uidá, e que enquanto os palmeirais tinham ainda certo preço, eles viviam do fruto desses palmeirais se contentando então em não ir à escola. Agora, os palmeirais não tem mais todo esse valor. Os bens deles mesmo.

MG - Eu tenho já coisas para debater. Têm dois tipos de brasileiros, os brasileiros aristocratas, que descendem, que fizeram o tráfico, e que depois fizeram o comércio do óleo de palma, e que têm bastante dinheiro, então não foram muito longe na escola. O fato de saber ler e escrever já bastava. Esse é o caso típico da família Souza. Mas têm também os pequenos agudás, aqueles que foram ao Brasil e aprenderam lá o ofício de pedreiro, carpinteiro, e que, quando chegaram aqui, colocaram seus filhos na escola.

Então, eles sabiam que, na nova sociedade, sem instrução não se vai muito longe. Entre esses pequenos brasileiros, encontramos médicos, advogados, os Almeida, os Da Silva, etc.

AD - Sim, concordo com você. É uma boa nuance.

MG - Quando os franceses chegaram, tinha os agudás. Mesmo as escolas eram em português. Os franceses desconfiaram dos agudás porque eles dominavam o comércio. Eram eles que podiam traduzir o fom⁶. É, então, uma política colonial. A França procurou se aproximar da elite autóctone. Depois, a língua portuguesa foi desaparecendo e os franceses engoliram o comércio de óleo de palma.

AD - A nuance que o senhor especificou é verdadeira. Não podemos esgotar o assunto de uma vez. O outro lado, que poderíamos dizer político, refinado, que as pessoas não puderam ir à escola para se formar sem os colonos, que de certa forma deixavam essas pessoas se formarem, já sabendo que depois iam inverter o circuito. Ao mesmo tempo, eles preparam os autóctones para serem os agentes comerciais das companhias que eles traziam, como a Cica, os Régis, a CFAO, como a ???⁷. Como senhor Herbelais, que acabou fazendo uma empresa aqui. Ao longo de toda a praia tem coqueiros. Em 1926, 27, 28, o governador disse: “Vamos fazer o comércio desenvolvendo os coqueirais”. Meu pai fez trabalho forçado. Era trabalho voluntário, disseram para ele: “Depois que você plantar isso, vai ser seu bem”. Uma vez que eles terminaram de plantar, os expulsaram, foram caçados de lá e distribuíram imediatamente as terras para as casas comerciais, e por cima de tudo, a política do óleo de coco. As casas comerciais se instalaram com o apoio dos administradores coloniais, os colonos. Eles formavam, para o comércio, agentes comerciais. Deixavam a escola se desenvolver porque precisavam de mão de obra. Os intelectuais que têm certo nível, não o atingiram graças à administração colonial. Eram situações que se produziam apesar dos colonos.

MG - Eles queriam alguém capaz de criar, e não de repetir e não criar.

AD - É isso. Então, um contador ou professor até o nível do Eustache Prudêncio já está bom. O que eu quero que nós retenhamos é que houve dois grandes períodos no que se refere aos agudás. Um grande período foi o fim do tráfico negreiro, sobretudo o retorno daqueles que não eram verdadeiros agudás e que se juntaram aos agudás. Toda essa gente lá, até a Segunda Guerra Mundial, já era agudá, verdadeiro ou assimilado. Até a Segunda Guerra Mundial essa gente tinha um papel muito importante. Nós não tínhamos necessidade de distinguir. Eles estavam lá, a gente sabia quem eram eles porque eles estavam todos assimilados à administração colonial.

MG - Agudá quer dizer aquele ???⁸

⁶ Fom, ou fongbé é a língua de Abomé, a mais difundida no Benin.

⁷ Pontos de interrogação no original.

⁸ Idem.

AD - Nagô⁹, fom. Eu digo os descendentes de pessoas como os Souza, onde encontramos pessoas de pele branca, mestiços ou negros, ou os outros influenciados pelo Brasil. Essas pessoas, até 1945, não tinha outra coisa para identificá-los do que esse retorno aí¹⁰, ou o prestígio pessoal, a pose, a riqueza, etc., as casas nas quais eles podiam viver. A partir do momento em que os negros autóctones começaram a se introduzir, por causa das agitações políticas, a escolarização progrediu ???¹¹ Foi de mais em mais, de forma ???¹² Foi durante esse período que houve entre eles uma evolução de mentalidade sobre o plano da escolarização. Alguns perceberam que eles poderiam ir longe também. Outros não compreenderam.

MG - Antes de 45, não havia então médicos, advogados Agudás...

AD - Não. Não havia conflito, as pessoas simplesmente os aceitavam. Eles não eram muito numerosos. Karin se agita, vê um problema. Partimos a uma conferência em 95 ou 94, em Porto Novo. Karin veio cheio de documentos sobre seus ancestrais, a família Paraíso. Eu disse a ele de prestar atenção à interpretação que ele daria, para mostrar que era ele, não, a história não era conhecida¹³. Nós trocamos ideias sobre isso.

MG - A propósito de Karin, ele é um homem de negócios e de dinheiro. Ele não pode discutir com o senhor. Eu discuti com ele, mas ele é muito falador. Ele tenta reconstruir a história dos ancestrais dele, é bom.

AD - O senhor tem ainda algum ponto a levantar?

MG - O senhor já disse tudo, fez o panorama. Eu não conversei com os não-agudás, sem isso meu trabalho não avança. O senhor me ajudou bastante. O senhor levantou um problema bastante interessante. Uma coisa que eu pergunto ao senhor. Aqui no Benin temos os fom, os nagô, os baribá. Do mesmo modo temos também os agudás?

AD - Não. É preciso prestar atenção às nuances. O senhor levantou a questão das línguas. A língua é o primeiro elemento de identidade cultural. Se não é o primeiro, é um dos elementos mais importantes para identificar um grupo social. Hoje, como ontem, podemos diferenciar os agudás das diferenciações linguísticas. A língua portuguesa, que devia ser a língua de comunicação e de partilha para todo o mundo, não o é para os agudás. Pouquíssimos puderam conservar a possibilidade de falar essa língua. Se o senhor encontrar um agudás que queira realmente mostrar que é português, vai ser difícil sair alguma coisa [em português]. Então, o que os distingue? Linguisticamente falando, eles falam diferentes línguas do Benin e do Togo. Eles falam mina¹⁴.

MG - Os Chachás não falam fom, falam mina.

⁹ Nagô ou iorubá é um dos maiores grupos linguísticos da África Ocidental.

¹⁰ Retorno do Brasil.

¹¹ Pontos de interrogação no original.

¹² Idem.

¹³ Trecho um pouco confuso.

¹⁴ Mina ou Gen é um língua Gbe falada no Sudoeste do Togo e no departamento Mono, no Benin.

AD - Sim. Eles ficaram no Togo. Eu os conheço. Os agudás falam Nagô ou Iorubá, e outros falam fom também. Alguns falam gom¹⁵. As línguas mais faladas pelos agudás são, primeiro o nagô ou iorubá, e depois o mina. Alguns falam fom.

MG - De onde vem a identidade, se não da língua? Acho que a identidade... Eles guardaram os nomes. Então, de onde vem a transmissão dos patronímicos?

AD - A transmissão dos patronímicos vem de quando... não entre os agudás, mas entre os autóctones, vem do acontecimento da cristianização ou da escolarização, os negros de Gana até a Nigéria, como era chamada a famosa Costa dos Escravos, os negros tinham dois modos de reconhecer seu pertencimento a uma linhagem familiar. O patronímico familiar, o qual patronímico familiar não existia de fato. Todas essas pessoas só tinham um jeito de reconhecer seus ascendentes. Se hoje meu patronímico familiar é Djivo, há cem anos, ele não existia. Mas o Siem Djivo existiu. Todos as crianças que nasciam tinham um nome. Mas com o passar do tempo, não tinham mais patronímico. O patronímico não é um nome, mas um conjunto de formulas de identificação que remetem a muito longe no passado, que lembra ao mesmo tempo aspectos importantes de fatos heroicos, que as pessoas descendentes de toda uma linhagem podiam guardar na memória. No momento em que nos encontramos, não posso dizer: "E aí, como vai?". Isso não é possível. Se não nos conhecemos nada, eu vou permitir de colocar a pergunta, mas é quando não temos conhecimento... Aqueles que não têm bens, ele têm a louvação deles. Então, quando eles se encontram, começam a declinar a louvação. Essas fórmulas constituem o nome.

MG - Está bem. Então a cristianização e a escola chegaram com os agudás. Então veio do Brasil ???¹⁶. Dizemos que a família é patriarcal. Era assim antes?

AD - Sim.

MG - O que os brasileiros introduziram aqui foi um tipo de regime patriarcal cristão. Bom, eu coloco uma questão ao senhor: por que o ramo Glélé¹⁷ não aceita os Chachá? O papel?

AD - Não posso responder com exatidão. Seria um pouco estranho. Acho que ele lhe devia dinheiro, ele não queria pagar. Ele foi convocado à Abomé e o fizeram desaparecer, e depois roubaram os bens da família dele. Quando eu acabei minha tese, eu tentei ver Maurice Glélé na Unesco, em 1979. Nós tivemos uma troca de pontos de vistas que fez com que, mesmo continuando amigos, não podemos mais nos entender sobre certas coisas. Eu senti que ele tinha uma postura de príncipe na casa dele, que não permitia discussão. Do que se trata? Simplesmente o nome Glélé foi deformado com o tempo. Eles dizem na tradição Glé li lé, a palavra é Glélé. Mas quando falamos rápido Glé li lé torna-se Glélé. As pessoas na tradição de Abomé, elas deformaram Glélé em Glé li lé e acrescentaram outra coisa para explicar isso. Glé é um campo para lavoura. Li

¹⁵ Gom é uma língua falada no Benim.

¹⁶ Pontos de interrogação no original.

¹⁷ A palavra está rasurada.

lé quer dizer que ele é cultivado. Glé li lé quer dizer literalmente campo cultivado. Ora, o nome Glélé deformado tem um significado completamente diferente. No fom de Abomé quer dizer uma coisa desmedida, é uma forma de onomatopeia. Quer dizer que não podemos pegar de tão pesado. A coisa glélé é difícil de pegar. Ele diz que ele é o rei Glélé que está acima de tudo. Os fom dizem Glé li lé que é completamente outra coisa. Encontrei Maurice e lhe disse que, segundo minhas pesquisas, é isso¹⁸, e ele gritou: “Meu nome é Glé li lé!”. Então eu entendi que não dava para discutir, e banalizei¹⁹.

¹⁸ Campo cultivado.